

A MANTA VIAJOU DE BARCO ATÉ À GALIZA

Fina d'Armada

No dia 19 de Maio, integrei-me na Marcha das Mulheres e fui para Caminha. Íamos levar a manta às mulheres da Galiza (Espanha) que nos esperavam na outra margem do rio Minho. Um rio que serve de fronteira entre os dois países e que, nesse dia, serviu de “ponte”, de unidade entre as mulheres do mundo.

Atravessamos o rio Minho em Ferry-boat. Uma vereadora da Câmara Municipal de Caminha acompanhou-nos no barco e pagou as passagens a todas as portuguesas. Aí dançamos, cantamos, caminhávamos para Espanha como para a alegria dum encontro de irmãs e de amigas.

Enquanto caminhava sobre as águas, recordei que vinha do tempo em que apesar de ter um curso superior não tinha direito de voto, em que nós mulheres-mães não tínhamos direitos sobre os filhos, não podíamos ser juízas nem diplomatas, em que por escrever sobre a libertação das mulheres se ia parar à Polícia Política... Recordava ainda, e como me tinha sentido feliz, por ter havido um tribunal internacional das mulheres, em 1976. Nessa altura, alguém escreveu nas paredes do palácio do edifício, já não me recordo onde foi, que “o maior crime que tinham feito contra as mulheres era terem-nas utilizado para se virarem umas contra as outras”.

Esta carta mundial das mulheres que abrange 53 países, é, além de tudo, um sinal de esperança. Todas caminhamos na Nau Terra e todas queremos ser felizes. Mas, vós, raparigas mais novas do mundo, nunca penseis que está tudo resolvido se agora não enfrentais os problemas que a minha geração teve de enfrentar. Nunca percais a memória para que nunca mais aconteça o que de ruim as nossas antepassadas viveram. E nunca deixeis de lutar para manter ou melhorar o que tendes. No caso das mulheres nada é definitivo. As coisas voltam para trás muito rapidamente.

A recepção em La Guardia superou as nossas expectativas. Era um grupo muito maior de mulheres, percebia-se que tinha havido mobilização e que as galegas faziam dessa entrega da manta uma festa.

Essa passagem revestiu-se de significado e simbolismo. Sobre as águas do rio havia remadoras das duas localidades – de Caminha e de La Guardia. Estavam vestidas com as mesmas cores, predominava a cor laranja, como se as mulheres tivessem abolido a fronteira e não fosse possível distinguir quais as portuguesas e quais as galegas.

Como historiadora, esta passagem de testemunho, através do barco e da água, emocionou-me. As portuguesas continuavam assim o destino de Portugal, de ser um povo de marinheiros, e de se relacionar bem com os povos de outras culturas. Levavam, assim, nessa passagem da manta, um pouco da sua história, das suas tradições marítimas. Isso mesmo está representado no retalho português.

A água. É na “água” do ventre que as mulheres geram a vida. A manta que cada país acrescentou foi um crescer de esperança no processo de unidade feminina, num elo sem fronteiras.

As mulheres da Galiza fizeram-nos uma recepção excelente. Houve discursos, grupos musicais, bandeiras, muita alegria, fotos conjuntas e até comes e bebes. Nós estendemos também uma manta feita por crianças contra a violência que encantou os presentes.

Fiquei com a sensação que esta manta traz uma consciência nova às mulheres. Cada uma de nós tem um pé na sua cultura e o outro nas culturas diversas do mundo. Muitas vezes essa cultura é contra nós, mulheres, o que exige que a limemos do que nos escraviza e aproveitemos das outras o que nos torna felizes, livres e senhoras do nosso

destino. Esta manta, com um retalho de cada País, diz-nos que podemos ser diversas, devido às nossas raízes culturais, mas que podemos também ser iguais e irmãs.

Uma representante portuguesa, Maria José Magalhães, leu um poema sugestivo sobre o que une e não separa as mulheres, da autoria de uma obra das três Marias, que, no tempo, constituiu uma ruptura. Também aí cumpriu a tradição, pois Portugal é um país de poetas, até o seu dia nacional comemora o dia em que morreu o seu maior poeta.

“Eis-nos de luta

expostas

sem vencer os dias...

O rever das casas e das causas

o revolver das coisas que dormiam...

E jamais caça seremos

ou objecto dado...

Em se chegar a nós

de barca ou vento...

apartadas das outras

e tão perto”.